



IGREJA GNÓSTICA DO BRASIL

Tradição: Huiracocha

Patriarca: Tonapa

ANO IV - Nº. 41

Arcanjo da Estação Inverno: GABRIEL

Agosto 2006

Rua Sabóia Lima, 77 Tijuca - Tel.: 2254-7350 Rio de Janeiro – RJ Cep: 20521-250.

Home page: <http://www.fra.org.br/> E-mail: fraternitas@fra.org.br

A VOZ DO PATRIARCA

A Origem dos Caracteres Gráficos

Em nosso livro Logos, Mantra e Magia, provamos que a palavra humana é de origem divina.

Esta afirmativa impõe, certamente, a seguinte pergunta: e os símbolos gráficos serão também divinos?

Absolutamente não, apressamo-nos em responder. A representação por meio de sinais gráficos é puramente humana. Nela cumpre-se a lei que nos ensina: “Não fareis figura alguma do que existe em cima, no céu, nem do que existe, em baixo, na terra.”.

Assim diziam os primeiros homens, cuja mente poderosa dispensava o auxílio de signos para traduzirem símbolos ou para compreenderem uma verdade antecipada manifestada em sua mente, como um ponto e um foco central.

A necessidade de lançar mão da escrita, ou melhor dos símbolos gráficos, é prova positiva da decadência humana.

A ciência oficial, contrariando a doutrina Rosa – Cruz, estabelece que os fenícios foram os inventores do

alfabeto e os judeus os primeiros monoteístas.

Nada mais falso e inverossímil.

Nos arredores do Pólo Norte, tanto nas proximidades da América, como da Groenlândia, encontram-se inscrições rupestres, isto é, caracteres paleoeigráficos, gravados em vários rochedos, signos ou símbolos, cuja semelhança com outros, existentes em várias partes do globo e, vulgarmente reconhecida, constitui interessantes estudos Rosa – Cruzes.

A primeira letra foi o -X- ou, mais acertadamente, a -CRUZ-, em forma de aspas. Deste signo derivaram-se todos os demais.

Isto é, suficiente para outorgar-nos o direito de afirmar que a Ciência Rosa-Cruz é a mais antiga do Mundo.

Os primeiros povos originários ou, como foi dito, “que viveram no paraíso”, vieram do Norte.

Para os habitantes dessas longínquas regiões árticas os dias e as noites duravam, respectivamente, seis meses e só existiam dois pontos de referência, o Sol na sua elevação para o Norte e na sua declinação para o Sul.

Assim traçaram a primeira linha, de cima para baixo, representando a volta anual do astro luminoso e, como, ao mesmo tempo, observassem a sua marcha diária, isto é, a sua subida e descida no horizonte, traçaram a

segunda linha, formando o - X - ou melhor, a Cruz, em forma de aspas.

Nosso planeta recebeu, sempre, poderosas influências lunares e cada entrada de uma Lua produz tremendos meteoros e notáveis mudanças climáticas.

A congelação das regiões do Norte, depois da submersão da Atlântida, obrigou os habitantes dessas paragens a emigrarem para o Sul e, assinalando essas trajetórias, traçaram em vários rochedos este símbolo, este - X - ou - Cruz - afim de orientarem-se.

Essas migrações foram realizadas pela maioria dos povos antigos, sobretudo, os toltecas do México, que foram os primeiros a professarem o culto solar.

A interpretação de vários caracteres paleoeográficos, mexicanos, revela ao mundo que o Monismo foi a primeira concepção deísta e que a chave, ao nosso dispor, é a única que permite a decifração dos enigmas humanos.

**Dr. Krumm-Heller, publicação
gnose novembro 1936**

TUYABAÉ - CUAÁ

(Sabedoria dos Velhos)

Numa palestra, que tive o grato ensejo de realizar, na Loja Perseverança, desta capital, referi-me, ou melhor, demonstrei os insofismáveis conhecimentos esotéricos dos pajés, loques iogues não ignorantíssimos charlatões, como pretende a maioria dos escritores que julga interpretar o assunto, nos seus mínimos detalhes.

Prosseguindo a minha tarefa, ou com mais acerto, no meu intento, justo e louvável intento de restabelecer a verdade, desfiarei neste pequenino artigo, um longo rosário de provas, colhidas, em abono de minha tese, através da leitura e alguns vocabulários

“**tupi-guaranis, o nheengatú**“, a língua boa, falada, como se sabe, por uma das tribos mais evoluídas do Brasil.

A palavra, ensina a velha sentença, é o som do pensamento.

É, assevera a Psicologia, a exteriorização fonética da imagem mental que se formou um nosso cérebro e, ao mesmo tempo, a muralha insuperável que separa o irracional do racional.

De fato, o pensamento precede a palavra, e o homem, o ser pensante, é o único que desfruta o privilégio integral da palavra.

O homo-simius, o pré-homem, o troglodita não falou, propriamente; emitiu grunhidos, gritos, sinais, onomatopéias, epifonemas, monossilabos, rudes expressões vocais dos seus embrionários raciocínios.

Os idiomas dos povos selvagens, contemporâneos, deixam entrever esta verdade: todas as línguas primitivas são monossilábicas.

Muito se tem dito e escrito com relação a palavra e ao pensamento, que como dizem os orientais, longe de ser secreção, que flui do cérebro, como a bílis flui do fígado, é uma sublime emanção do **Ego**, uma expressão da super-consciência, continuamente intensificada, vigorada e quiçá modificada pelas ondas de pensamentos alheios que, pairando ou vagueando nos planos hiper-físicos do Universo, atuam de conformidade com a lei de analogia, sobre o mental de todos os seres.

Mas, acrescentam os Mestres, o pensamento não depende, exclusivamente, da ação desses elementos hiper-físicos.

O mundo físico, e tudo que nele existe e sucede, é, permanentemente, transmitido pelos sentidos e fixado ou impresso na mente humana.

Deste ensinamento podemos concluir que o pensamento é, também, o reflexo, a imagem mental de todas as formas existentes, de todos os fenômenos ocorridos no plano físico, ao alcance da percepção do homem, e neste caso, concluir, também, que a palavra é um símbolo convencional, uma representação fonética dessa imagem, criado pela necessidade de exteriorizá-la ou transmiti-la.

Quando, portanto, encontramos, num glossário ou num léxico, um vocábulo qualquer, podemos afirmar que “a idéia por ele expressa foi a causa, a origem do referido vocábulo.”

Esse vocábulo existe, porque o ser, a causa, o ato ou o acidente que o significa e foi refletido na mente, criou o seu símbolo vocal, a sua expressão fonética.

Aplicando esta regra às palavras, que me foi dado colher, nesses vocabulários **tupi-guaranis**, posso concluir, com toda a segurança, que por exemplo, o termo **epiága**, que quer dizer vidente ou clarividente, existiu porque efetivamente, os **tupis-guaranis** conheciam e utilizavam a faculdade hiper-física que tem o nome de vidência ou clarividência, faculdade que os punha em conexão com o Mundo Astral, prova absoluta dos seus conhecimentos esotéricos.

Mas, não é só a palavra **epiága**, gerúndio de **epiac**, que significa **prever**, **advinhar** e **profetizar**, que encontrei em diversos vocabulários tupi-guaranis, organizados desde o padre Montoya ao professor Batista de Castro.

An, **angá** e **ang**, que descobri do mesmo modo e querem dizer sombra, vulto, alma, espírito e consciência, e estão, perfeitamente, no mesmo caso.

Assim, **angaba**, **angab** e **angá** significam **aparição**, **visão fantasma** e ainda, **Angai** ou **Angaib**, Espírito Mal, e

Angaturama, o Espírito Bom

Não constituem exceção as palavras **Angoerabá**, **Anhangá**, **Anha** e **Jurupary**, que significam respectivamente, **alma penada**, **espírito errante**, **Gênio do Mal** e **Diabo**.

Encarando o problema por um prisma, ainda transcendente, verificaremos que os nossos ameríndios conheciam os **mistérios solares**, exatamente, como os nahuas, os toltecas, astecas, maias, incas... etc.

Em abono desta afirmativa basta citar a existência, nesses vocabulários, do termo **Guaracy**, a Mãe dos Videntes - O Deus Sol - que eles adoravam, e bem assim da expressão **Curuça** - A Cruz - símbolo sagrado que os invasores encontraram no Brasil e procuraram ocultar de todas as maneiras, na suposição fanática de tratar-se de um artifício diabólico.

Curuçá, por mais que sofismem, não é, nem pode ser, uma corruptela do vocábulo lusitano - Cruz.

Curú quer dizer, em **tupi-guarani**, fragmento de pedra ou de madeira e çá, gritar, guinchar, chiar.

Os nativos de várias regiões do mundo, no passado e no presente, produziram ou produzem fogo, friccionando dois pedaços de madeira, os quais, depois deste ato religioso, eram ou são cruzados e venerados como símbolos do Poder Criador - **Fogo Sagrado**.

Táo - a Cruz - como já tive ocasião de mostrar, simboliza, desde a Atlântida, a união do principio masculino e do principio feminino, empenhados na fecundação da Natureza, por meio do fogo e da água do céu, isto é, do calor solar e da chuva.

Encontrei, também, em mais de um glossário **tupi-guarani**, a designação **Guayúpiá**, com a significação de feitiçaria.

Guayú é o nome de uma cerimônia do ritual dos aborígenes do Brasil, a qual constava de danças e cantos, ritmicamente executados. **Guayú** quer dizer, também vinda, chegada, recepção.

Recepção de quem? Dos estrangeiros, explicaram os jesuítas, que se referem ao caso.

Será verosímil a resposta? Será racional a explicação?

Não me parece, por enquanto, não é razoável acreditar que os nativos, que timbraram em ocultar, sempre, as suas cerimônias religiosas, aos estrangeiros, os recebessem, precisamente, com exercícios secretos, práticas esotéricas de pura Magia. Há coisas que, como diz o povo, entram pelos olhos.

Os recebidos, por ocasião dessas solenidades, não eram certamente, os portugueses, os espanhóis ou os franceses – os **emboabas** - eram as **entidades de outros planos, assim evocados**.

Além disto, **Guay**, radical de **Guayú**, quer dizer ente animado, alma, espírito.

Mboráú significa presságio, vaticínio, agouro, augúrio. **Urutáo** é um pássaro fantasma, canta ,mas, ninguém o vê. **Chiucy** – a Mãe do Pranto – a coruja, prenuncia a morte de quem ouve os seus dolorosos gemidos. **Uirapagé**, quando canta de certa maneira, prognostica inevitáveis desgraças. **Yapacani** é o mensageiro do Além.

Na Índia, no Egito, na Grécia, em Roma, nas Gálias os advinhos, os augures não se utilizavam de melhores elementos para formularem os seus celebres prognósticos.

A expressão tupi-guarani **Rá-Angá** – alma ou espírito de Rá - quer dizer ídolo e prece e, não sei por que força sugestiva me faz pensar em **Rá-Ná**, o Deus-Sol dos maias, e em **Amon-Rá**, o Deus dos egípcios.

Os **tupis-guaranis** conheciam, como os incas, os efeitos da **cóca-ipadú** e bem assim a ação hipnótica e física da essência ou suco de muitos vegetais, como a **jurema** e o **iagé**, de que se utilizavam para **exteriorizar o corpo astral**.

Queimavam resinas odoríficas e faziam defumações, com folhas, madeiras e raízes perfumosas. O **petym, petum ou petema** – tabaco – era, também empregado.

Diretor Responsável: *Dr. Alair Pereira de Carvalho*

Encontrei, em alguns vocabulários, a palavra **poraquê**, verbo que significa entorpecer, fazer dormir ou perder os sentidos. **Poraquê**, devo assinalar, é um nome **tupi-guarani** do gimnoto, isto é, peixe-elétrico.

Os **pajés**, é inegável, tinham noção das irradiações eletromagnéticas, emitidas por todos os seres da **Criação**.

Conheciam e praticavam o magnetismo, o hipnotismo, a sugestão e a magia.

Davam passes, expiravam **animus vitae**, sobre os enfermos e vocalizavam mantras, imitação do canto onomatopáico de uma ave de rapina, também conhecida pelos nomes de **Nauan, Acauan e Cauan** ave que se alimentava de cobras.

Quem conhece o emblema, que se vê na bandeira mexicana, um **quetzal**, com uma serpente no bico, compreende que o **macauan**, dos nossos aborígenes tem qualquer significação esotérica.

Tau quer dizer **fantasma, advinhação, visão, êxtase, sonho**.

A lista é enorme, mas o que aí fica é suficiente para confirmar, integralmente, a minha tese: os ameríndios do Brasil conheciam os **Mistérios Sagrados** e os **pajés**, seus mestres e oráculos, ao invés de ignorantísimos charlatães, foram verdadeiros **iogues**, iniciados na **Cuaá** (sabedoria) dos **tuyabaé** (velhos) que “aprenderam com **Tubé** ou **Çumé**, que lhes ensinou o segredo de tudo”.

Domingos Magarinos
gnose outubro 1936

73 anos * Notícias *

Foi celebrada em 23 de Julho de 2006 Missa Solene em comemoração aos 73 anos da chegada ao Brasil da Fraternitas Rosicruciana Antiqua e da I.G.B ambas dirigidas pelo Mestre Huiracocha que chegaram em 1933, por intermédio de seu discípulo Giuseppe Cagliostro Cambareri. A FRA é a organização Rosacruz mais antiga do Brasil em atividade ininterrupta.

Supervisor de Redação: *Ghimel*

Diagramação: *Martins*